



UNIÃO DOS ESTUDANTES COMUNISTAS

SOBRE O SERVIÇO CÍVICO ESTUDANTIL

1. EM TORNO DO SERVIÇO CÍVICO: MOBILIZAR OS ESTUDANTES PARA A REVOLUÇÃO

O isolamento em relação ao nosso povo a que o fascismo sempre relegou os estudantes e os intelectuais, o carácter reaccionário do ensino, a desenfreada selecção classista e o obscurantismo cultural imposto, tiveram uma influência profundamente negativa sobre a consciência da massa estudantil e hoje causam obstáculos à integração entusiasta e combativa dos estudantes portugueses no processo revolucionário.

As posições de grupos reaccionários e esquerdistas, que nos últimos tempos se têm manifestado contra a unidade do MA e o Serviço Cívico Estudantil, reflectem em todos os casos, esta herança ideológica do fascismo. Se hoje estas tendências encontram algum campo de actuação, isso deve-se à situação objectiva do ensino, completamente desadequado às novas necessidades democráticas, a exigir rápidas e profundas reformas.

As dificuldades criadas pelas limitações e deformações da estrutura escolar encontram-se entre as primeiras que há que vencer na democratização do ensino. Mas estas, como outras, não podem ser resolvidas de qualquer maneira. A perspectiva da Revolução Democrática e Nacional indica que na resolução dos problemas de hoje se devem criar condições para a resolução dos grandes problemas de futuro. Não corresponde às exigências da nova situação democrática uma estrutura escolar que nem consegue albergar os que se candidataram ao ensino superior, como não lhe corresponde um ensino que continue alheado dos grandes problemas nacionais. Há que dar passos rápidos e firmes para alargar e modificar esta estrutura de modo a permitir a entrada de mais largo número de estudantes, e a ministrar-lhes um ensino em condições aceitáveis, e, ao mesmo tempo, avançar profundamente na concretização da RGDE e do processo de democratização de Portugal.

Ganhar a juventude estudantil para a causa do nosso povo, para as tarefas concretas da construção da democracia, para a aliança entre o trabalho manual e o trabalho intelectual, é destruir os resíduos do fascismo neste campo, fortalecer a revolução democrática, preparar o caminho para a adesão dos estudantes e intelectuais portugueses para a construção do socialismo.

A missão histórica da UEC, organização da vanguarda dos estudantes, é dirigir esta frente de combate, colocando as lutas dos estudantes ao lado da luta do nosso povo pelo reforço da democracia contra o obscurantismo cultural, pela democratização do ensino contra o poder dos monopólios e do imperialismo no nosso país.

Uma das formas concretas de luta mais importante no momento actual é o SCE, não só pelo papel que tem na resolução de problemas imediatos, como o da superlotação, mas também pela contribuição efectiva que oferece ao início de uma verdadeira revolução cultural no nosso país e, muito em especial, à concretização da RGDE.

Mobilizar os estudantes para a participação em tarefas concretas na melhoria das condições de vida materiais e espirituais do povo português e para o trabalho manual, é dar enormes passos na criação de uma ideologia democrática, novas relações de trabalho, ao mesmo tempo que se contribui para a resolução dos enormes problemas sociais legados pela ditadura fascista. Por esta razão, as posições reaccionárias, que agitando falsos problemas e mentindo a coberto de uma fraseologia de "esquerda", defendem desmascaradamente falsos privilégios estudantis e representam os sectores mais vacilantes perante a revolução de uma pequena burguesia que lhe vê fugir a universidade como simples instrumento de promoção social.

Chamar ao SCE "trabalhos forçados" é denegrir, como todos os fascistas e reaccionários, o próprio trabalho manual e defender a alienação dos estudantes e intelectuais. Dizer que o SCE serve a grande burguesia é insinuar que a promoção social e cultural das populações, o desenvolvimento do processo democrático e a educação revolucionária da juventude estudantil são do interesse da grande burguesia, e, ao mesmo tempo, lançar entre os estudantes a maior confusão acerca dos objectivos da luta do nosso povo e do carácter contra-revolucionário e anti-popular dos monopólios e latifúndios. Afirmar que o SCE



vai aumentar o desemprego não passa de mais uma manifestação de paternalismo da pequena burguesia radical, em relação à classe operária e aos trabalhadores em geral, que nem sequer esconde a sua demagogia e oportunismo: a classe operária e os trabalhadores, atentos contra a sabotagem económica e aos despedimentos, sabem defender-se por si sós de eventuais agravamentos do problema do desemprego, se eles acaso existirem. E, até agora, não se manifestaram contra o SCE.

Em todos os casos esta actividade reaccionária tem como objectivo, ao levantar falsos problemas, iludir o combate aquilo que é essencial no SCE: o seu carácter progressista, o seu papel na consolidação da democracia, a sua tremenda importância política, não só para os estudantes mas para todo o povo português.

É tarefa da UEC combater firmemente todos estes focos e influências da reacção pelo esclarecimento das mais amplas massas, pela persuasão, pela luta ideológica e, também, pela promoção de iniciativas concretas integradas no SCE.

Como grande objectivo da revolução no momento actual, no sector do ensino, o SCE estudantil só se concretizará completamente graças ao empenho e entusiasmo da grande massa dos estudantes. Há que promover e intervir em amplas reuniões e encontros estudantis, especialmente dos estudantes candidatos, para uma ampla mobilização das massas e, em todos os casos, dar grandes provas de responsabilidade e maleabilidade política.

É fundamental que o SCE se realize. Mas é fundamental, também, que em cada caso, em cada escola, a sua concretização tenha em atenção as condições existentes e satisfaça os interesses, as aspirações e os desejos dos estudantes que nele queiram participar. Forjar a unidade das massas e rejeitar firmemente qualquer preconceito sectário em relação a novas ideias para a aplicação do princípio fundamental, é também aqui característica dos comunistas.

O povo trabalhador está interessado na resolução dos problemas do ensino. Os meios de informação devem ser largamente aproveitados para o esclarecimento público da verdade acerca da natureza, objectivos e dificuldades desta grande iniciativa no campo do ensino, que é o SCE. Ganhar o apoio popular, recorrendo aos meios mais variados, é também uma tarefa urgente. Promover nas escolas o contacto virado para a acção com todas as organizações públicas e populares que possam apoiar a concretização dos trabalhos, e ainda com movimentos como o MJT, pode certamente resolver certas dificuldades iniciais.

Em relação ao SCE há que manter uma posição clara: a participação assídua do estudante constitui prova de mérito suficiente para o prosseguimento dos seus estudos universitários. Quaisquer outras provas de avaliação de conhecimentos para aqueles que frequentarem o serviço cívico estudantil são de rejeitar, pois tal processo apenas beneficiaria aqueles que permanecendo "à lareira", teriam maiores facilidades para se preparar. Deve-lhes ser assegurada a entrada na universidade.

A participação no SCE não deve ser restrita apenas aos estudantes do 1º ano. Não se pode vir a cavar um fosso entre os estudantes que forem para o serviço cívico estudantil e aqueles que já frequentam as escolas. Durante o período de aulas, ou mesmo durante o tempo de férias, há que organizar os estudantes para realizarem trabalho no campo, fundamentalmente manuais, mesmo que não sejam formalmente integrados no SCE. Há, no entanto, que salvaguardar o pleno funcionamento das aulas, com real aproveitamento de estudo.

Também é questão de princípio a participação efectiva das escolas na realização do SCE. É a única forma de assegurar que o SCE seja um estímulo à progressiva realização da RGDE. A escolha de novos cursos, a regionalização do ensino, a reforma curricular, a transformação das escolas em centros de investigação e difusão da cultura popular, são problemas que a experiência do SCE pode ajudar a resolver. As formas de cooperação entre as escolas e o SCE devem adequar-se às especificidades dos cursos e situação das escolas, podendo ser: a criação nas escolas de cursos que dêem aos novos alunos formação técnica e conhecimento da realidade do local onde irão trabalhar; a formação de brigadas de trabalho de estudantes e professores que realizarão tarefas do SCE; a criação de cursos por correspondência para os novos alunos; integração nos currícula escolares de cadeiras viradas para a resolução de problemas detectados no contacto com as populações; trabalhos, no âmbito das cadeiras existentes, na perspectiva da participação no SCE.

Em caso algum deve ser descurado o enorme papel das AAEE, não só na mobilização de massas para o SCE, mas na apresentação de propostas concretas de trabalho, no apoio material e no próprio enquadramento dos estudantes. Pode ser concretizada a criação em cada AE, de uma secção específica destinada a executar todos estes trabalhos ou, então, aproveitar as secções já existentes.

Entretanto, os estudantes podem tomar nas suas mãos a criação do SCE. Devemos dirigir todos os nossos esforços na criação de brigadas-piloto de candidatos e/ou de outros estudantes, para a realização de tarefas específicas, viradas para a melhoria das condições de vida das populações, formadas por inscrição voluntária a partir das estruturas associativas. Grupos de estudantes em contacto e sob a orientação das respectivas comissões de moradores, podem participar no melhoramento de bairros e na auto-construção de casas em bairros de lata. De numerosos sítios, as populações pedem alfabetizadores: as AAEE podem responder a estas solicitações. Podem ser formadas brigadas de assistência sanitária que se venham a integrar nos trabalhos de criação do Serviço Nacional de Saúde.

Os campos de trabalho são numerosos: o baixo nível de vida do nosso povo tem de ser elevado, e os estudantes devem contribuir para isso.

Apresentamos a seguir sugestões de algumas tarefas que podem ser realizadas no âmbito do SCE:

Aspectos Sanitários e de Alojamento: construção de esgotos; instalação de canalização; limpeza de lixos; criação de estações de tratamentos de lixo; construção de banheiros públicos; electrificação; construção de habitações sociais e melhoramento das já existentes; construção e apoio a creches e centros de convívio da terceira idade; apoio a hospitais distritais e subdistritais; levantamento de doenças endémicas e epidémicas, com rastreios que abranjam zonas completas do país; campanhas de educação sanitária; campanhas massivas de vacinação.

Aspectos Económicos: levantamentos topográficos e de solos; construção de barragens e canais de irrigação, s/conservação; dinamização de cooperativas de produção e de consumo; controle de preços, rendas de casa e outros; levantamento estatístico da população portuguesa; florestação e limpeza de baldios; estudo de soluções para os problemas da agricultura (conjuntamente com as populações, em grupos de trabalho); construção e melhoria das vias de comunicação.

Aspectos Culturais: Amplas campanhas de alfabetização; cadastro das condições de funcionamento das escolas e sua melhoria; criação de escolas pré-primárias; campanhas de recolha de material escolar; inventário do equipamento social existente; animação socio-cultural (participação nas agremiações culturais e clubes recreativos, animação de bibliotecas populares itinerantes ou não, desporto de massas, grupos corais, cinema itinerante, animação de publicações periódicas); integração nas Campanhas de Dinamização Cultural do MFA.